

Recar



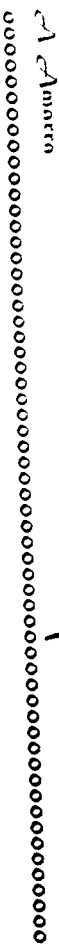
OS TRÊS LUTOS DO LUTO

A morte de um ente querido é um evento cataclísmico que, para além de provocar um grande sofrimento emocional, pode estar na origem de autênticas convulsões psicosociais (divórcios, alcoolismo, depressões graves, etc.) que atingem todos aqueles que ficaram enlutados.

A expressão do luto é complexa e varia grandemente de cultura para cultura, de indivíduo para indivíduo, de idade para idade, de proximidade ou de afastamento, concreto ou simbólico, com o sujeito/objecto perdido, de tal forma que é tarefa qualificadamente difícil delinear uma fronteira entre aquilo que se considera como um luto "normal" dum luto "patológico".

Grandes figuras da psiquiatria como S. Freud, entre outros, e mais recentemente J. Bowlby (esse mestre da psicanálise infantil que, na década de 60 descreveu, de uma forma luminosa, as emoções chave que ligam, na permanência ou na perda, a infância humana à figura maternal) foram, sem dúvida, instrumentais na conceptualização de um modelo de luto "normal" com as suas fases ou estádios, mais ou menos longos, no decurso do qual a pessoa enlutada progride e se vai adaptando à perda.

Não me debruçarei agora na análise desse modelo. Aqui, na Amarra, outros, porventura melhor do que eu, têm comentado e analisado com a profundidade que uma publicação deste tipo permite, mas sempre com rigor e seriedade, a cascata dos fenómenos psicológicos que acompanha a deriva do luto "normal".



Recar

Realço apenas que nesta matriz conceitual, nenhum dos autores, pelo menos aqueles que conheço, (exceptuando Bowlby), tipifica, no luto, a qualidade intrínseca do objecto perdido. O paradigma é abordado em bloco, quase uniformemente, independentemente dos detalhes mais finos da relação pré-existente.

Tenho, no entanto, para mim, que existem importantes diferenças e que essa compreensão constitui uma poderosa mais valia para o entendimento do turbilhão psicológico que acompanha o luto por um filho, luto que se distingue de todos os outros, por mais dolorosos que sejam.

Tentarei agora expor os traços gerais desta minha reflexão, aliás já verbalmente transmitida às centenas de participantes na reunião natalícia de "A Nossa Âncora" naquela suave tarde de Dezembro de 2002 no Centro Cultural de Belém.

De facto, escondido por trás da dor do luto propriamente dito pulsa, menos objectivável por mais simbólico, mas nem por isso menos real e devastador, um segundo luto. A esse luto habituei-me, no correr dos anos, a dar-lhe o nome de "luto do projecto".

Ser Pai/Mãe imprime, desde logo, uma alteração quântica na identidade do "Eu".

Na guerra do ultramar, nas Terras do Fim do Mundo em Angola, onde permaneci de 1967 a 1969, verifiquei - com alguma perplexidade na altura - que as mulheres luenas mudavam de nome logo que lhes nascia um primogénito/a... de Fulanas passavam a ser chamadas de Mãe de Sicrano ou de mãe de Beltrana, numa grande confusão para o jovem médico da tropa que desejava o ficheiro organizadinho, de preferência por ordem alfabética.

Que há de mais significativo do que a mudança do nome próprio aquando de uma mudança de identidade? Na nossa civilização científica e tecnológica não o fazemos, as nossas mulheres não mudam de nome, a Maria continua Maria mas, por dentro, transforma-se na mãe do Quim, a criadora de projectos, e que projectos!

Sim, e que projectos! Todos nós, na realidade, projectamos nos nossos filhos, consciente ou inconscientemente, muitos dos nossos sonhos e fantasias, nomeadamente alguns dos nossos mais profundos desejos de superação de fracassos e frustrações. De certa forma, se eu não fui capaz ele que o seja, que, finalmente me derima, me vingue, me eleve, me proteja!

E que condimento vital é este processo humano de projecção/sublimação!

Dum ponto de vista estritamente pessoal, trata-se tão apenas do verdadeiro motor da história da humanidade de tal forma que, à guiza de proposta audaz de reelaboração do pensamento Teilhardiano, o poderemos considerar como a ruptura definitiva, também quântica, com o mundo instintivo e animal.

Não estão a ver, por certo, uma cadela, por mais afecto que tenha ao seu filhote e por mais violento que seja o desgosto com a morte da cria (que por vezes leva até à própria morte por inanção) ter efectuado um processo de reparação narcísica durante e através da vida do cachorro?

Este "luto do projecto" encontra-se presente em todos os pais mas é mais, muito mais, perceptível nos progenitores que não assumiram a construção de qualquer projecto próprio. Sem carreira profissional, sem metas académicas ou outras a atingir, as mulheres, designadamente as "domésticas", constituem o mais importante grupo de risco para esta devastadora condição. Podemos sentir, nestas situações, que toda a energia psíquica disponível estaria acantonada e investida no devir do filho que, ao desaparecer, torna irrelevante o projecto.

Neste luto paralelo, ao invés do primeiro, não existem nem fases, nem estádios. Trata-se de uma vivência Hamletiana, se me é permitida a comparação com este conflito primordial, um 0 ou 1 em linguagem informática.

E aqui está uma das razões (mas apenas uma, que isto de desfiar os infundáveis meandros do espírito humano tem que se lhe diga) que explica o porquê da generalidade dos homens parecerem sofrer menos com a morte dos filhos, embrulhados que estão, quicá até anestesiados na prossecução dos seus preciosos objectivos de tal forma que lhes é concedida, nesta dimensão específica, uma muito maior capacidade defensiva do que a das suas legítimas.

E reside também aqui, julgo eu, um dos poderes cicatrizantes dos grupos de "A Nossa Âncora" ao proporem e definirem: - no claro lume dum regaço acolhedor - recomencos alternativos na ajuda aos outros, constituídos em memória e de memória partilhada, colmatando anteriores vazios internos.



Dúvida, de resto, que num grande número de casos parece não ter razões objectivas para existir.

Pode avaliar-se (e afirmo-o com segurança) que o afecto, a atenção e os cuidados que esses pais investiram naquele ser, formaram uma variável independente das razões que motivaram o seu suicídio.

Noutra ocasião -já que hoje me alonguei em demasia - procurarei expor as minhas reflexões nesta matéria, na tentativa sempre imprecisa e titubeante de manipular bálsamo suavizador de ferida tão profunda.

João Sennfeldt

Chefe de Serviço do Hospital Miguel Bombarda

Professor Auxiliar da Escola Nacional de Saúde Pública U.N.L.

Sócio Fundador de "A Nossa Âncora"

4

A ouare - Boletim de Assuntos
a pñu Peis e Leis "A Voz de Açores"

